



Violência, adolescência e cultura de paz

Violence, adolescence and culture of peace

Laude Erandi Brandenburg

Docente no PPGT da Faculdades EST

Mariana Pacheco Moraes Nascimento

Mestranda no PPGT da Faculdades EST

Homero Pereira do Nascimento

Mestrando no PPGT da Faculdades EST

Katiuscia Oliveira Teixeira

Mestranda no PPGT da Faculdades EST

Resumo: A violência ronda a humanidade. Embora com características distintas, ela está presente em todas as culturas e âmbitos da sociedade. Na sociedade moderna desempenha um papel particular na adolescência, que é um fenômeno psicossocial, fortemente influenciado pelo contexto em que a pessoa está inserida. Este artigo apresenta a violência como um fenômeno multifatorial e complexo. Apresenta o cultivo de uma cultura de paz como uma proposta oportuna a ser desenvolvida ao longo da vida. Mostra que a escola, juntamente com a família, desempenha um papel crucial para o desenvolvimento da integridade do ser humano, visando a vivência da paz.

Palavras-chave: Adolescência. Violência. Cultura de Paz.

Abstract: Violence haunts humanity. Although it has distinct characteristics, it is present in all cultures and spheres of society. In modern society, it plays a particular role in adolescence, which is a psychosocial phenomenon, strongly influenced by the context in which the person is inserted. This article presents violence as a multifactorial and complex phenomenon. It presents the cultivation of a culture of peace as an opportune proposal to be developed throughout life. It shows that the school, together with the family, plays a crucial role in the development of the integrity of the human being, aiming at the experience of peace.

Keywords: Adolescence. Violence. Culture of Peace.

Recebido em: 12 mai. 2024 - Aprovado em: 20 jul. 2024.

Introdução

Este artigo investiga a importância de reconhecer adolescentes como sujeitos dignos de respeito para construir uma cultura de paz. A adolescência é um fenômeno social e psicológico, e por ser psicossocial, gera diferentes vivências conforme o ambiente em que a pessoa se desenvolve. Sendo um período de busca pela construção da identidade, pessoas adolescentes testam diferentes formas de viver no mundo, e com isso, frequentemente são associadas apenas como pessoas que praticam violência, porém, neste trabalho, apresentaremos pessoas adolescentes também como vítimas da violência. Consideraremos a violência como um fenômeno multifatorial, complexo e holístico, que gera uma sequência de atos que a mantém e a diversifica. Como resposta, a cultura de paz será apresentada como atitudes que têm como o foco o respeito de si e da outra pessoa.

1. Violência e Adolescência

Calligaris (2009) afirma que não sabemos o que faz de alguém uma pessoa adulta, mas temos a certeza de que adolescentes não são². As pessoas adolescentes podem fazer de tudo para conseguir esse título, mas não querem ser adultas por si só. Elas anseiam serem ouvidas e consideradas. Entretanto, em um mundo em que as pessoas adolescentes anseiam por serem adultas, elas são proibidas daquilo que a pessoa adulta tem, que são as possibilidades de autonomia. São coibidas, muitas vezes, através de práticas violentas. A partir do momento em que a pessoa aprende através da violência, essa passa a ser uma possível ferramenta para lidar com seus anseios. A pessoa adolescente deseja ser respeitado como indivíduo, e a sociedade que idealiza a adolescência rebelde acaba reforçando a ideia de que ela pode conseguir respeito a partir do medo e da violência. O autor afirma que as distintas tribos formadas por pessoas adolescentes são maneiras de conseguir poder, uma vez que se sentem injustiçados ou até rejeitados pela sociedade das pessoas adultas.

Em sua dissertação de mestrado, Guiral (2017) estudou especificamente algumas pessoas adolescentes infratoras e afirma que a vida destes e destas jovens é marcada pela precariedade socioeconômica, criminalização, estigmatização e ameaças de morte, pois, a maioria delas vivem em ambientes cheios de insegurança e incerteza. A autora alega ser importante entender essas experiências como uma forma distinta de interagir com o mundo, uma resposta a um universo marcado por traumas e vulnerabilidades.³

Friman (2021) afirma que os comportamentos problemáticos devem ser atribuídos ao contexto e às circunstâncias que envolvem a pessoa, e não unicamente a falhas individuais. No artigo, o autor cita a premissa do Padre Edward J. Flanagan, que diz que ambientes prejudiciais, modelagens inadequadas e ensinamentos deficientes são os fatores que moldam os comportamentos considerados problemáticos. É fundamental compreender as circunstâncias e os estímulos que levam as pessoas a agir

² CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. 2a ed. São Paulo: Publifolha, 2009, p. 21.

³ GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza. *As experiências e os significados da fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei*. 2017. 129 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) Universidade de São Paulo, p.30.

de forma violenta. No entanto, a culpabilização individual pode parecer uma solução mais fácil do que tomar uma abordagem que leve em conta as circunstâncias e aborde a situação de forma integral. Friman sugere que vez de rotular as pessoas jovens como "más", é mais produtivo entender as pressões e circunstâncias que as levam a agir de forma violenta (tradução nossa).⁴

As características da pessoa adolescente são fortemente influenciadas pelo seu contexto social. A adolescência é um período do desenvolvimento marcado pela busca de identidade e pertença. As primeiras identificações acontecem no ambiente familiar, mas conforme a pessoa se desenvolve e passa a ter contato com distintas pessoas, o ambiente social passa a oferecer diversas novas possibilidades de identificação e pertença. Os padrões socioculturais e econômicos influenciam as manifestações do adolecer⁵.

De Oliveira e Pucci (2021) destacam que a adultização precoce, algo que muitas vezes é necessário para algumas famílias devido à pobreza, que envolve assumir responsabilidades por si e por suas famílias mais cedo, adolescentes começam a trabalhar de maneira informal e tornam-se mais vulneráveis à ação e influência de pessoas adultas que se aproximam com intenções de explorar seu trabalho ou aliciá-los para práticas ilícitas, prometendo ajuda e grandes oportunidades.⁶ Levisky (2000) afirma que adolescentes praticam violência quando não recebem preparo para o que estão vivenciando.⁷

A cartilha do Conselho Federal de Psicologia (2002) sobre a adolescência diz que quanto mais próxima da idade da adolescência, maior é o risco de abuso sexual para as meninas e de negligência para os meninos. Este fator idade coloca a pessoa adolescente em um possível grupo de risco, visto que são as mais atingidas pela violência.⁸

Manso (2023) afirma que no Brasil existe o consenso de que a violência gera ordem⁹. Sendo assim, a violência é amplamente propagada como uma ferramenta de educação. Adolescentes são vítimas de violências com frequência, visto que pessoas adultas estão dizendo como e quem devem ser o tempo todo, em uma tentativa de reparação. De acordo com Knobel (1992), por não darem conta de controlar o que acontece ao seu redor, principalmente quanto a eventos sociopolíticos, pessoas adultas frequentemente culpam as pessoas jovens pelo que acontece e as submetem às suas

⁴ FRIMAN, Patrick C. There is no such thing as a bad boy: The circumstances view of problem behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 54, n. 2, p. 636-653, 2021, p. 5.

⁵ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes médicas. 1992, p. 51.

⁶ DE OLIVEIRA, Karina Costa; PUCCI, Silvia Helena Modenesi. Os fatores associados à experimentação, uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na adolescência. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, p 1331-1351, 2021, p. 1342.

⁷ LEVISKY, David Léo. *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira*. Casa do Psicólogo, 2000, p. 47.

⁸ CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Conselho Federal de Psicologia, 2002, p. 86.

⁹ MANSO, Bruno Paes. *A fé e fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*. Todavia, 2023, p.317.

próprias necessidades. Como resposta e como uma atitude social reivindicatória, adolescentes podem demonstrar sua força e poder por outra categoria de violência.¹⁰

Wandermurem (2004) apresenta a violência como algo fundamentado nas relações estruturais da sociedade, relacionais e de poder, e não algo apenas entre um agressor contra uma vítima¹¹. Pacheco (2016) afirma que os fatores sociais, culturais, psicológicos, ambientais, educacionais, institucionais e políticos devem ser considerados sempre que o tema violência for abordado. Devido a isso, torna-se difícil definir a violência, de uma única maneira, visto que ela pode se manifestar de diversas maneiras e por diferentes razões. No entanto, o autor apresenta em seu ensaio, como uma possível conceituação útil para este artigo, que violência é “o uso da força por parte de alguém; o dano; receber tal dano por uma ou várias pessoas; a intencionalidade do dano; o propósito de obrigar a vítima a dar ou fazer algo que não quer”¹² (tradução nossa). Pacheco (2016) identifica várias formas de violência, como a ativa, que envolve dominação e conquista, e a reativa, causada por dor física ou emocional. Também identifica várias formas de danos ou impactos que as vítimas sofrem, como violência patrimonial, sexual, psicológica e física. Além disso, o autor demonstra a categorização da violência em função do contexto, por exemplo, doméstica, escolar, religiosa e institucional. A violência pode produzir um ciclo de eventos crescentes que perpetuam ou intensificam seus efeitos ao longo do tempo, e, além disso, há a tendência de falar “violências” devido à diversidade de manifestações.¹³

Wandermurem (2004) define a violência da seguinte maneira:

Violência é qualquer ato que fira direitos das pessoas, especialmente as limitadas por sexo, classe social e raça/etnia dentro da sociedade. É violência todo ato que aniquila ou elimina uma vida, um corpo, um interesse, uma vontade específica, quando este mesmo ato poderia não ter sido praticado.¹⁴

O relatório sobre a adolescência brasileira do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) apresenta que o direito de ser adolescente é violado por vulnerabilidades e desigualdades presentes no Brasil, sendo este o grupo da população que mais sofre com o impacto da pobreza, violência, baixa escolaridade, exploração do trabalho e sexual, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, abuso de drogas e privação da convivência familiar e comunitária¹⁵. Com isso, podemos identificar o conceito da espiral de violência, apresentado por Pacheco (2016), afirmando que a

¹⁰ ABERASTURY E KNOBEL, 1992, p. 53.

¹¹ WANDERMUREM, Marli. O papel da religião e a irrupção da violência numa sociedade em mudanças. *Domus Online*, v. 1, n. 1, 2004, p. 93.

¹² PACHECO, Agustín Martínez. La violencia: Conceptualización y elementos para su estudio. *Política y cultura*, n. 46, p. 7-31, 2016, p. 9.

¹³ PACHECO, 2016, p. 8.

¹⁴ WANDERMUREM, 2004, p. 26.

¹⁵ BRASIL, CADERNO. *Adolescência: Uma fase de oportunidades*. Washington: UNICEF, 2011, p. 28.

violência gera um círculo de eventos crescentes que a perpetuam, multiplicam e intensificam¹⁶.

Essa perpetuação, multiplicação e intensificação da violência através do círculo supracitado existe por uma má compreensão do indivíduo com outras pessoas ao redor. Não é possível dizer ao certo a origem, mas por outro lado, é possível encontrar o elemento motivador para algumas relações violentas. Segundo Pastana (2004), “o medo, quando socialmente exteriorizado, diminui ou extingue o senso crítico daqueles que o compartilham, tornando propícia uma dominação baseada na manipulação dessa emoção”¹⁷. A violência, sendo uma tentativa de dominação de uma das partes em qualquer tipo de relação humana, é fomentada e desenvolvida a partir do de alguma insegurança a partir do medo exteriorizado.

Dessa forma, torna-se necessário buscar-se ferramentas e estratégias para cooptar esse processo.

2. Educar para a Paz

Uma pessoa educada pode ser diferente de uma pessoa instruída. Segundo Cortella (2014), educar uma boa pessoa não implica apenas em afastá-la dos ambientes em que a malignidade também se manifesta. Em vez disso, trata-se de preparar alguém para interagir com a potencialidade do mal, sem se deixar atrair por ela. Quando se educa alguém sabendo que ela habitará em uma sociedade marcada pela violência, é fundamental esclarecer a natureza prejudicial da violência, em vez de permitir que os benefícios dela sejam enaltecidos. Há, de fato, vantagens na violência, como por exemplo a sensação de triunfo, superioridade e poder sobre a outra pessoa, no entanto, os danos são superlativos a isso. Educar para que a pessoa seja má ou violenta pode ser mais fácil do que educar para que ela seja uma pessoa de bem e que prioriza o bem-estar da sociedade como um todo, visto que é necessário uma constante luta contra o egoísmo. Tentar esconder esses benefícios e malefícios da pessoa adolescente é uma tentativa de iludi-la.¹⁸ A violência pode causar insegurança, medo, prejudica a saúde mental, psicológica e física da pessoa que pratica e também de quem recebe a violência.

Barreto (2004) falando sobre a perspectiva de Paulo Freire, afirma que cada pessoa está inserida no mundo e em interação com ele. Diferentemente dos animais que são guiados pelos instintos e apenas se adaptam ao ambiente em que vivem, as pessoas vão transformando o mundo e o adaptando conforme suas necessidades ao longo de toda a vida. Ao reconhecer o passado, o presente e o futuro, a pessoa compreende as repercussões de suas ações sobre o ambiente, tornando-se protagonista de sua própria narrativa e, por essa razão, responsável por ela.¹⁹ Ao olharmos para a violência, precisamos entender que as ações atuais se tornaram viáveis pelo passado e o futuro está sendo semeado hoje.

¹⁶ PACHECO, 2016, p. 29.

¹⁷ PASTANA, Debora Regina. Cultura do medo. Cadernos de Campo: *Revista de Ciências Sociais*, n. 10, 2004, p. 72

¹⁸ CORTELLA, Mario Sergio. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 111

¹⁹ BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 55.

De acordo com Maldonado (1997), apesar do impulso agressivo fazer parte da natureza humana, a violência é um comportamento aprendido nos processos sociais e por ser aprendido, pode também ser desaprendida ao se desenvolver maneiras de lidar com a raiva e resolver conflitos por meios pacíficos. É necessário transmitir e demonstrar para as outras gerações que é possível lidar com a raiva e resolver situações difíceis por meios não violentos.²⁰

Paz é uma palavra relacionada a ideia de bem, bom, tranquilidade, equilíbrio, situação resolvida, dever cumprido, descanso, prazer saciado. Tudo isso tem ligação com ações a serem compreendidas e praticadas como tolerância, respeito, bondade, honestidade, lealdade, generosidade, sensibilidade, justiça social e espiritual, autoconhecimento e comprometimento consigo mesmo.

A Organização das Nações Unidas (ONU) em sua declaração e programa de ação sobre uma Cultura de Paz (1999) a definiu como um conjunto de atitudes, comportamentos, valores, tradições e estilo de vida, com foco no respeito pleno à vida, aos direitos humanos e às liberdades fundamentais. Envolvendo uma maneira de se posicionar e de agir, fundamentada na prática da não violência, por meio da educação, do diálogo e da cooperação. A instituição reconhece que a paz requer um processo positivo, dinâmico e participativo em que solucionem os conflitos em uma dinâmica de cooperação através do diálogo²¹.

Rosenberg (2006, p. 227) diz que “quanto mais formos vistos como agentes de punição, mais difícil será para os outros responderem compassivamente às nossas necessidades” e “quando temos medo de ser punidos, concentramo-nos nas consequências, não em nossos próprios valores. O medo da punição diminui a autoestima e a boa vontade.” A punição produz efeitos imediatos, mas a longo prazo não ajuda²². Tudo isso influencia fortemente pessoas adolescentes. Ao olharmos adolescentes como sujeitos dignos de respeito e confiança, estaremos fortalecendo a cultura de paz.

Uma educação não violenta e afetiva é um dos meios fundamentais para o fortalecimento disso, pois todas as demandas da sociedade passam primeiro pela escola. A compreensão do mundo acontece a partir da nossa capacidade de afetar as coisas e uma educação afetiva seria aquela em que todas as pessoas estão sensíveis às suas capacidades de afetar as outras.

A violência é um comportamento aprendido, mas, assim como ela, a cultura de paz também é ou pode ser. A escola pode ser um importante ambiente para que crianças e adolescentes aprendam e treinem ferramentas que podem ser usadas contra a violência. DeMar (2014) diz que para mudar o mundo, precisamos mudar as

²⁰ MALDONADO, Maria Tereza. *Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 26.

²¹ UNIDAS, Nações. Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz (ONU), em 6 de outubro de 1999, p. 2. [Online]

²² ROSENBERG, Marshal. *Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006, p. 227.

crianças²³ e uma das medidas para promover uma cultura de paz por meio da educação proposta pela ONU (1999) é:

zelar para que crianças, desde a primeira infância, recebam formação sobre valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida que lhes permitam resolver conflitos por meios pacíficos e com espírito de respeito pela dignidade humana e de tolerância e não discriminação²⁴.

Para exemplificar a metodologia, houve um tempo em que não havia estudos e tampouco a prática de um processo de educação integral que incluía uma alimentação de qualidade, a fim de auxiliar a pessoa discente na obtenção de nutrientes e consequentemente condições para um estudo de maior qualidade. Atualmente já há esta compreensão por parte de pessoas acadêmicas da educação. A aprendizagem socioemocional carece do mesmo processo. É necessário o entendimento de que a pessoa que está imersa em suas emoções, que não se sente respeitada, que não tem uma boa autoestima e não consegue se regular, não irá aprender e também não conseguirá se expressar de uma maneira saudável, podendo ser violenta se isso não for desenvolvido. Estanislau e Bressan (2014) conceituam a aprendizagem socioemocional da seguinte maneira:

A aprendizagem socioemocional é compreendida como o processo de aquisição e reforço de habilidades socioemocionais, ou seja, habilidades que auxiliam a pessoa a lidar consigo mesma, a relacionar-se com os outros e a executar tarefas de maneira competente e ética.²⁵

Essa aprendizagem inicia antes mesmo da entrada da criança na escola e continua se desenvolvendo ao longo da vida. Assim como a sociedade como um todo, a escola precisa ser um espaço seguro, em que é necessário o desenvolvimento e exercício da empatia, negociação, cooperação, compaixão, altruísmo e reciprocidade social. É essencial que haja espaço para demonstrar a particularidade do sujeito, que tenha ações de solidariedade e seja desenvolvido o senso de propósito pessoal.

De acordo com Damour, (2024, p. 77), frequentemente as meninas são coibidas de sentir raiva e os meninos, muitas vezes, não conhecem outras emoções e sentimentos além da raiva²⁶ (tradução nossa). As meninas escutam frases como essa: "uma menina tão linda como você com tanta raiva no coração? Não pode!" e os meninos por não terem um repertório maior, confundem tristeza, medo, fome, insegurança, ciúme com a raiva. Com isso, temos duas consequências: mulheres que têm dificuldade de colocar limites em seus diversos relacionamentos, sejam eles

²³ DEMAR, Gary. Quem controla as escolas governa o mundo. Brasília: Editora Monergismo, 2014, p. 87.

²⁴ NAÇÕES UNIDAS, 1999, p. 6.

²⁵ ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (Orgs.). *Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber*. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 49.

²⁶ DAMOUR, Lisa. *The Emotional Lives of Teenagers: Raising Connected, Capable, and Compassionate Adolescents*. Ballantine Books, 2024, p. 77.

familiares ou do trabalho. E homens que não conseguem identificar os outros sentimentos, agem no impulso e tomam atitudes descabidas. Desde 1997, Maldonado afirma que a raiva é uma emoção humana básica que pode nos ajudar a ser pessoas assertivas, a lutarem por objetivos e se defenderem quando estão sendo atacadas²⁷. No entanto, certas maneiras de expressar a raiva são inaceitáveis.

Por mais que o projeto educativo seja algo coletivo, realizado entre escola, família e demais grupos da sociedade, para a cultura de paz ser algo coletivo, primeiramente ela precisará ser individual. Segundo Hoebel e Frost (1981) todo e qualquer esforço para uma mudança cultural pode ser algo positivo, pois “o inter-relacionamento de todas as partes de uma cultura significa que a modificação de qualquer parte individual produzirá inevitavelmente modificações secundárias nas outras partes”²⁸.

O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não Violência, esboçado por Salles Filho ganhador do Prêmio Nobel da Paz, sugere que os povos considerem: respeitar a vida; rejeitar a violência; ter generosidade; ouvir para compreender; preservar o planeta e redescobrir a solidariedade²⁹. Isso deve ser um trabalho desempenhado em conjunto entre escola e família, não sendo uma tarefa apenas de uma das partes. Na escola, a cultura de paz deve ser um conteúdo curricular que perpassa todos os componentes curriculares. Cortella (2014) afirma que “os valores se transportam exatamente na relação de convivência e comunicação”, exemplificando através das escolas alemãs durante o nazismo, de 1937 a 1945, em que não havia um componente curricular chamado “nazismo”, porém, ensinava-se nazismo ao ensinar matemática, biologia ou história³⁰.

Uma das maneiras para promover a não violência é ensinar nas escolas a tolerância como um primeiro passo, respeito pelo diferente e também a como lidar com as emoções. A educação pode auxiliar as pessoas a se adaptarem a violência ou a se engajarem na transformação desse ambiente violento. Barreto (2004) escrevendo sobre Paulo Freire, afirma que a educação ocorre através de uma relação ativa e consciente, que desencadeará uma transformação mútua, em que as pessoas se completam e ajudam as outras pessoas a se completarem, transformando assim o ambiente. Assim como a educação, a violência também surge nas relações, porém, a educação capacita a pessoa a encontrar soluções adequadas, e para isso, é necessário reconhecer a situação, compreendê-la, conceber alternativas e selecionar a abordagem mais apropriada.³¹

As ações precisam ser implementadas durante todo o percurso escolar, lembrando que o papel da pessoa educadora, de acordo com Paulo Freire (apud Barreto 2004), vai além de simplesmente transmitir sua visão de mundo ou impor essa

²⁷ MALDONADO, 1997, p. 49.

²⁸ HOEBEL, Edward Adamson; FROST, Everett Lloyd. *Antropologia cultural e social*. Editora Cultrix, 1981, p. 24.

²⁹ SALLES FILHO, Nei Alberto. *Cultura de Paz e Educação para a Paz: Olhares a partir da complexidade*. Campinas, Papirus, 2019, p. 109.

³⁰ CORTELLA, 2014, P. 107.

³¹ BARRETO, 2004, p. 60

perspectiva à pessoa educanda; trata-se de dialogar sobre as visões de ambas, pois sua função não se limita a dissertar, mas abrange a problematização da realidade concreta da pessoa discente, ao mesmo tempo em que reflete sobre sua própria realidade.³² Isso pode acontecer através de atividades e rodas de conversa, visando ajudar a pessoa a identificar as emoções, a perceber como o próprio corpo sente cada emoção, atividades para auxiliar a decifrar a raiva, conversas sobre consequências de diferentes formas de agir. Além disso, é possível observar o que faz a pessoa sentir raiva, como ela deve expressar ou lidar com a raiva, auxiliar na construção da empatia, auxiliar a pessoa a entender que ela é maior do que qualquer sentimento, auxiliar a como pedir ajuda em momentos de fúria, perceber o que a acalma em momentos de tensão e também como lidar com a raiva de outra pessoa. É possível ensinar técnicas de relaxamento, melhorar a qualidade de comunicação e transmitir maneiras eficazes de colocar limites, fazer-se respeitar e obedecer sem recorrer à violência. Maldonado (1997) sugere os seguintes pontos³³:

- Aprender a ouvir com atenção, consideração e sensibilidade.
- Aprender a reclamar do que não gosta sem ofender, humilhar ou atacar a pessoa.
- Aprender a atacar o problema e não a pessoa.
- Aprender a "neutralizar" a raiva quando esta se intensifica a tal ponto que corre o risco de desembocar em atos violentos.
- Aprender a dizer o que gosta com relação ao que os outros dizem ou fazem.
- Aprender a descarregar as tensões inevitáveis de modo saudável.
- Aprender a tolerar as diferenças.
- Aprender a usar métodos não violentos para colocar limites e favorecer a disciplina.
- Desenvolvimento da empatia.
- Controle da impulsividade.
- Transformação da raiva
- Melhorar a interação entre pais e filhos e entre educadores e alunos.
- Identificação com modelos positivos.

Esses procedimentos elencados podem auxiliar o ser humano no desenvolvimento de sua integridade, e, por isso, de vivência da paz. A cultura da paz seria a meta que se quer alcançar. Antes da paz ser uma cultura, um estado de convívio, se faz necessário um processo de tomada de consciência dos mecanismos da violência para então se passar a vivências de não-violência. Experimentadas essas possibilidades, pode-se falar em cultura da paz. Butigan e Bruno, no livro *Da violência à integridade*, apresentam um programa sobre a espiritualidade e prática da não-violência ativa.

O ponto de partida do programa é a interrupção do processo de violência. “Significa transformar esses padrões de destruição numa jornada sagrada do medo à

³² BARRETO, 2004, p. 65

³³ MALDONADO, 1997, p. 60.



liberdade, do desespero à esperança, da violência à integridade”³⁴. A partir desse ponto inicial pode-se chegar à integridade, à cultura da paz. O programa fala em curar feridas da violência iniciando pela interrupção criativa do ciclo da violência retaliativa³⁵. O programa desenvolve dez atividades diferentes para que as pessoas participantes possam exercitar o abandono da violência e que possam ir desenvolvendo possibilidades de vivência não violenta. E dessa forma estaria se alimentando uma espiritualidade saudável e que possa contribuir no desenvolvimento de uma cultura da paz.

Conclusão

Falar de paz pede que olhemos primeiramente para nossas fragilidades, que compreendamos nossas vicissitudes para trabalhar em ações que ajudem a termos atitudes e virtudes que promovam a paz. Vivemos em comunidades e estas são tanto quanto nós, foco de trabalho e transformação. A cultura de paz deve ser estabelecida no agora e também a médio e longo prazo, transformada em um meio provocativo e proativo. É necessário que não tenhamos uma postura de vitimismo e que nos enxerguemos como parte da transformação de uma cidade, comunidade, planeta e de nós mesmos. Só então despertaremos para essas transformações e construção da tão desejada paz.

Conclui-se que as pessoas jovens não são o grande problema da sociedade, na verdade, são frutos da sociedade em que estão inseridas. O uso dos termos como infantil, juvenil ou aborrecente de maneira pejorativa demonstram uma visão deturpada dessa fase da vida. Nossa sociedade é repleta de contradições e conflitos. Elencar as pessoas adolescentes e jovens apenas como promotores de violência é deixar de olhar para suas potencialidades. A intensidade, a procura por novidades e o envolvimento com seus pares podem ser uma fonte de força, se houver o contexto certo para seu desenvolvimento.

Assim, interromper o ciclo da violência, desafiar para o exercício de ações não violentas e para a vivência da cultura da paz pode acontecer a partir da contribuição das pessoas adultas, em escolas, movimentos sociais e em igrejas.

Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência Normal*: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes médicas. 1992.

BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

BRASIL, CADERNO. *Adolescência*: Uma fase de oportunidades. Washington: UNICEF, 2011.

BUTIGAN, Ken; BRUNO, Patrícia. *Da violência à integridade*; um programa sobre a espiritualidade e a prática da não-violência ativa. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2009.

³⁴ BUTIGAN, Ken; BRUNO, Patrícia. *Da violência à integridade*; um programa sobre a espiritualidade e a prática da não-violência ativa. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 10

³⁵ BUTIGAN, 2003, p. 9.

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Conselho Federal de Psicologia, 2002.

CORTELLA, Mario Sergio. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*. São Paulo: Cortez, 2014.

DAMOUR, Lisa. *The Emotional Lives of Teenagers: Raising Connected, Capable, and Compassionate Adolescents*. Ballantine Books, 2024.

DE OLIVEIRA, Karina Costa; PUCCI, Sílvia Helena Modenesi. Os fatores associados à experimentação, uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na adolescência. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, 1331-1351, 2021.

DEMAR, Gary. *Quem controla as escolas governa o mundo*. Brasília: Editora Monergismo, 2014.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (Orgs.). *Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FRIMAN, Patrick C. There is no such thing as a bad boy: The circumstances view of problem behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 54, n. 2, p. 636-653, 2021.

GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza. *As experiências e os significados da fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei*. 2017. 129 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) Universidade de São Paulo, 2017.

HOEBEL, Edward Adamson; FROST, Everett Lloyd. *Antropologia cultural e social*. Editora Cultrix, 1981.

LEVISKY, David Léo. *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira*. Casa do Psicólogo, 2000.

MALDONADO, Maria Tereza. *Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência*. São Paulo: Moderna, 1997.

MANSO, Bruno Paes. *A fé e fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*. Todavia, 2023.

OUTEIRAL, José; MOURA, Luiza; DOS SANTOS, Stela Marys Vieira. (Orgs.). *Adulterar: a dor e o prazer de tornar-se adulto*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PACHECO, Agustín Martínez. La violencia: Conceptualización y elementos para su estudio. *Política y cultura*, n. 46, p. 7-31, 2016.

PASTANA, Debora Regina. Cultura do medo. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, n. 10, 2004.

ROSENBERG, Marshal. *Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

SALLES FILHO, Nei Alberto. *Cultura de Paz e Educação para a Paz: Olhares a partir da complexidade*. Campinas, Papirus, 2019.

UNIDAS, Nações. *Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz* (ONU), em 6 de outubro de 1999. Disponível em: <https://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Progr>



ama%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20ouma%20Cultura%20de%20Paz%
20-%20ONU.pdf

WANDERMUREM, Marli. O papel da religião e a irrupção da violência numa sociedade em
mudanças. *Domus Online*, v. 1, n. 1, 2014.